

# **MARCOS 3,14-15: FORMAR COMUNIDADE, COMUNICAR A BOA NOVA E AGIR CONTRA O MAL**

---

*Carlos Frederico Schlaepfer\**

## **Resumo**

*O texto de Marcos 3,14-15, nos coloca três elementos característicos da pregação e da prática de Jesus: constituir uma Comunidade, Comunicação da Boa Nova e Ação de expulsar os demônios.*

*Este ensaio resgata os três elementos presentes na perícopre, procura um sentido que perpassa a comunidade dos Doze, chega à Comunidade de Marcos e às nossas comunidades hoje. Busca desta forma contribuir para o fortalecimento de grupos que têm objetivos e propósitos voltados para a valorização da vida e colocam-se numa perspectiva evangélica de fraternidade, solidariedade e justiça. A partir da experiência vivida em trabalhos junto às Comunidades Eclesiais de Base e Movimentos Sociais, o texto de Marcos 3,14-15 torna-se uma verdadeira luz para suas caminhadas. Portanto, partindo da Comunidade, comunicação e Ação em Marcos 3,14-15, chegamos às comunidades de hoje, buscando a melhor comunicação e forma de ação para realizar o sonho utópico presente em cada grupo, de todos os tempos, que se propõem a transformar a vida em vida em abundância (Jo 10,10).*

**Palavras-chave:** *Comunidade; Comunicação; Ação; Evangelho de Marcos; CEBs.*

## **Abstract**

*The paper about Mark 3:14-15 puts us three characteristic elements of Jesus' preaching and practice: to constitute a Community, to communicate the Good News, and to expel demons.*

*This text rescues the three elements present in the pericope, seeks a meaning that permeates the community of the Twelve, reaches the Community*

\* Doutor em Teologia bíblica pela PUC Rio, Professor de Sagrada Escritura e Línguas Bíblicas no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis; Membro do Conselho Científico e Coordenador da Revista Estudos Bíblicos (ITF/Petrópolis); Membro da Associação de Biblistas do Brasil e assessor de cursos teológicos em diversas Dioceses no Brasil.

*of Mark and our communities today. In this way, it seeks to contribute to the strengthening of groups that have objectives and purposes aimed at valuing life and place themselves in an evangelical perspective of fraternity, solidarity and justice. From the experience lived in works with the Basic Ecclesial Communities and Social Movements, the text of Mark 3:14-15 becomes a true light for their walks.*

*Therefore, starting from the Community, Communication and Action in Mark 3:14-15, we arrive at today's communities, seeking the best communication and form of action to realize the utopian dream present in each group, of all times, which propose to transform life into life in abundance (Jn 10:10).*

**Keywords:** *Community; Communication; Action; Gospel of Mark; CEBs.*

## 1. Introdução

Nestes 31 anos de existência da revista Estudos Bíblicos, participei não apenas como colaborador, mas leitor assíduo, reconhecendo o seu valor tanto do ponto de vista acadêmico, como de formação para teólogos e agentes pastorais em diferentes denominações cristãs. Neste último número impresso da revista, quero contribuir com uma reflexão a partir do trabalho de dissertação de mestrado<sup>1</sup>, que em parte, foi fruto dos estudos publicados nestes anos de existência impressa da revista. Portanto este artigo, além de uma contribuição bíblico teológica, quer ser também, uma forma de reconhecimento e agradecimento a todos que sempre com ela colaboraram e em especial ao mestre e coordenador da revista Frei Ludovico Garmus, ofm.

Este trabalho tem como base, a reflexão Marcos 3,14-15, tendo como foco desta reflexão, as comunidades eclesiais presentes na Baixada Fluminense. Por um lado, refiro-me ao trabalho de formação bíblico-pastoral, através do CEBI – Centro de Estudos Bíblicos – entidade ecumênica, que presta um serviço de formação na área bíblica, para diversos grupos participantes de Igrejas de diferentes denominações, bem como de movimentos sociais, dos quais fazem parte, muitas pessoas que também estão presentes nas referidas comunidades eclesiais.

A realidade na qual estão inseridas ambas experiências traçam um mesmo perfil dos participantes: Homens e mulheres de baixa renda, em grande parte residentes em favelas, onde a falta de condições mínimas de vida é gritante, deparando-se constantemente com a violência em todos os níveis: familiar, social, econômica e política. Entretanto, em cada rosto sofrido presente nos vários grupos, encontramos uma esperança e força para lutar por melhores condições de trabalho, moradia, transporte, saúde, educação, enfim, lutar por uma vida digna.

1. Este artigo foi elaborado a partir da dissertação de mestrado do autor, defendida em 1997 na PUC RJ, com o título: “Comunidade, Comunicação e Ação em Marcos 3,14-15”.

Em muitos dos corações que vivem apertados pelas forças de um poder destruidor de valores e sonhos, encontramos a fé em Deus e a certeza de que na vida em comunidade, ao lado do irmão, terão coragem para resistir.

No intuito de contribuir com grupos, entidades, movimentos sociais, no sentido de fortalecer o aspecto comunitário, valorizar a comunicação entre as pessoas e assim possibilitar o surgimento de novas ações adequadas às realidades e momentos vividos pelos mesmos, este estudo e reflexão a partir de Marcos 3, 14-15, poderá ser uma fonte de luz nesta busca, onde estão presentes três elementos significativos, a constituição dos Doze, a missão de pregar e de expulsar os demônios.

## 2. O contexto literário de Marcos 3,14-15.

A perícopes na qual se encontra o nosso texto em estudo é Marcos 3,13-19. Ela não está em relação direta com o sumário que lhe precede (Mc 3,7-12), nem com a sequência de relatos sobre os confrontos entre Jesus e os adversários, ou entre Jesus e seus parentes que lhe sucedem (Mc 3,20-35)<sup>2</sup>. Nesta perícopes encontram-se alguns elementos que são característicos de textos onde ocorrem relatos vocacionais, como por exemplo, chamada em forma imperativa e obediência incondicional<sup>3</sup>. Portanto, Marcos 3,13-19 apresenta-se sob a forma narrativa, segundo o gênero literário de relato vocacional.

Trata-se de uma perícopes importante, pois a constituição dos discípulos de Jesus se dá de modo completo. Em Marcos 1,16-20; 2,13-14 há dois relatos vocacionais, porém de modo ainda incompleto. Um por ocasião do chamado de Simão, André, Tiago e João e outro por ocasião do chamado de Levi. Fazendo uma breve comparação entre o chamado dos quatro primeiros discípulos (Mc 1,16-20) e a instituição dos Doze (Mc 3,13-19), aparece no primeiro chamado o anúncio: “Vos tornarei pescadores de homens”, isto é, vos farei participar da minha missão, de minha atividade de agrupar homens e mulheres pela pregação do Reino de Deus. Já no segundo chamado, convoca os Doze a fim de permanecerem com ele e a fim de mandá-los proclamar o Evangelho, com o poder de expulsar os demônios. Observando sua atividade descrita no primeiro capítulo e mesmo no sumário em Marcos 3,7-12, percebemos estes mesmos elementos: *pregação* (Mc 1,14.39.45) e *expulsar os demônios* (Mc 1,21-28.32-34). Na perícopes em estudo, os Doze são constituídos a fim de *estarem com Jesus* e a fim de fazerem o que Ele faz.

2. Aqui é interessante perceber que também Marcos 3,30-35 encontra-se dentro de um contexto vocacional, visto que Marcos 3,16-35 forma uma estrutura paralela (“sanduíche”), na qual o chamado dos doze (Marcos 3,16-19) e os seguidores da nova família de Jesus (Marcos 3,30-35) delimitam o tema central que é o conflito entre os que estão “dentro e fora da casa”. (Cf. Schlaepfer, 2005, p. 63-79).

3. Alguns textos onde aparecem esta forma de relato vocacional: Marcos 1,16-20; 2,14; 10,17-22; Mateus 4,18-22; 9,9; 19,16-22; Lucas 5,1-11; 5,27-28; 18,18-23.

### 3. Comunidade, Comunicação e Ação em Marcos 3,14-15

Segundo Rigaux (1976 p. 135), a nota predominante da atividade de Jesus em meio ao povo, foi a pregação ambulante. “Jesus não foi nem um pensador solitário, nem um “distribuidor” de sabedoria, nem um asceta e nem um místico que procurou evitar a convivência em sociedade”. Existe uma unanimidade entre os evangelistas em afirmar a proximidade de Jesus com a multidão. Não caberia aqui fazer um elenco de todas as passagens onde isto ocorre, uma vez que basta abrir os Evangelhos para perceber tal característica. Entretanto, é importante ressaltar que Jesus não se limitou apenas a pregar e ensinar, mas ao contrário, sua prática foi muito além, procurando demonstrar de modo real o fruto desta sua pregação. Neste sentido, podemos entender as várias expulsões de demônios, milagres ou sinais, como melhor define João no Quarto Evangelho<sup>4</sup>. Esta prática de Jesus acompanhada de sua pregação acaba por definir o seu projeto e sua proposta junto à multidão.

Os três elementos presentes em Marcos 3,14-15 são em última análise, exatamente a prática e a pregação de Jesus Cristo e como tal, constitutivos de seu projeto e proposta: *a constituição dos Doze, o envio a fim de pregar e autoridade a fim de expulsar os demônios*. Cada um destes elementos trazem um sentido que não está presente apenas no próprio fato ou relato onde se inserem. Trata-se conforme afirmamos acima, da prática e pregação de Jesus voltada agora para os discípulos.

Com o objetivo de melhor caracterizar estes três elementos, será designado por *Comunidade*, a constituição dos Doze a fim de ficarem com Jesus; por *Comunicação*, o envio a fim de pregar a Boa Nova; finalmente, por *Ação*, a autoridade a fim de expulsar os demônios.

Vamos então, lançar um olhar sobre estes três elementos presentes em Marcos 3,14-15 percebendo em cada um sua força e dinâmica próprias, como constitutivos da prática de Jesus, buscando um significado para a comunidade de Marcos e propondo pistas e caminhos para as comunidades hoje.

#### 3.1. A comunidade: constituir doze a fim de ficar com Jesus

O ponto de partida para o estudo do primeiro elemento presente em Marcos 3,14-15, ou seja, a *constituição dos Doze* acima designada por *Comunidade* é a relação entre Jesus

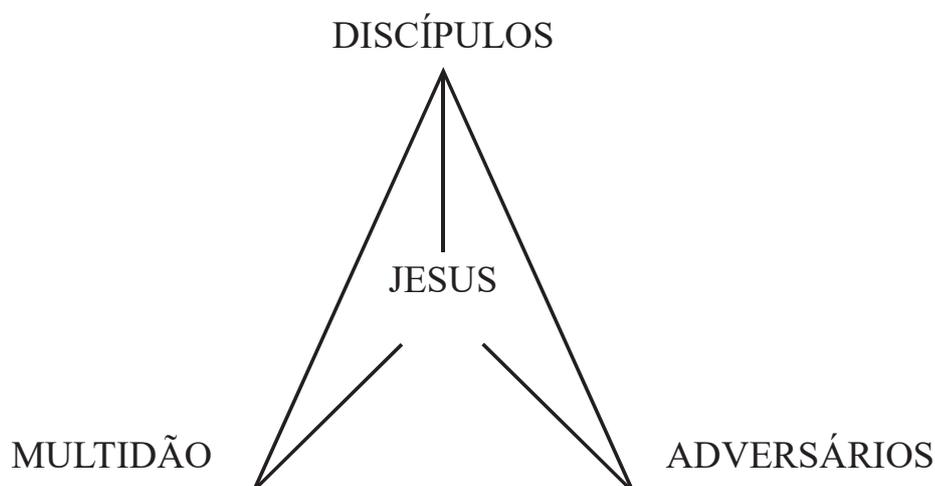
4.A designação dos milagres como sinais, presente no Quarto Evangelho, caracteriza o poder de Deus presente em Jesus. Segundo Konings (1975 p. 84), já no Antigo Testamento as obras de Javé são chamadas de sinais (Dt 28,46;29,3) e revelam a sua presença no meio de seu povo, a sua fidelidade à Aliança. Às vezes aparece num contexto profético, como por exemplo o “Sinal do Emanuel” em Is 7,11.14, onde se caracteriza como promessa de salvação por parte de Javé. Ainda pode ser um fato inexplicável que serve como garantia da palavra do Profeta ou mesmo de Javé, tornando-se sinal de autoridade e de poder (2Rs 20,9-11).

e a multidão. Os diversos sumários e passagens de transição presentes no Evangelho de Marcos, nos dão uma ideia das reações da multidão que decorrem desta relação com Jesus: Divulgam os feitos de Jesus, de modo que sua fama se espalha; muitos o procuram para serem curados; ficam maravilhados com seu ensinamento.

Do meio desta multidão, Jesus acolhe um grupo de seguidores, formando os seus discípulos. No tempo de Jesus a formação destes grupos de seguidores não era novidade. João Batista tinha discípulos. Os judeus muito bem conheciam a instituição dos mestres e dos seus discípulos.

Neste primeiro elemento constitutivo de Marcos 3,14-15, a comunidade, será ressaltado os protagonistas conforme o relato de Marcos, de onde será constituído os doze, o aspecto importante do chamado de Jesus e por fim o próprio grupo dos doze.

No Evangelho de Marcos, assume um particular relevo, o relacionamento entre Jesus e os discípulos. Existe uma unidade entre os discípulos, Jesus e sua missão. São eles os que recebem instrução e muitas vezes revelações de modo reservado (Mc 4,10-12.34); com eles Jesus discute e esclarece seu projeto e suas opções (Mc 8,27-33). Sob este ponto de vista, Delorme (1982, p. 33), acentua que esta relação se estabelece também em função dos contatos de Jesus com a multidão e seus adversários, formando uma espécie de triângulo através destas relações: multidão, adversários, discípulos.



Logo no início do Evangelho de Marcos, percebemos, uma cena de vocação (Mc 1,16-20). É interessante observar que em Marcos, Jesus encontra-se sempre acompanhado por seus discípulos, exceção apenas no envio dos Doze em missão (Mc 6,7-13) e quando se encontra só no Getsêmani, no relato da Paixão (Mc 14,32-42). Esta característica no Evangelho de Marcos é importante, dentro desta relação entre Jesus e os discípulos. Depois do relato da vocação dos quatro, Jesus começa a agir sempre acompanhado pelos discípulos. São as jornadas em

Carfanaum (Mc 1,21-34; 2,1-12) e Galileia (Mc 1,35-45). Em Marcos 2,13-14, encontramos um novo relato de vocação. Trata-se do chamado feito a Levi.

Ao lado das ações de curas, exorcismos, chamados, que Jesus vai realizando, sempre junto aos seus discípulos, encontramos algumas discussões de Jesus com seus adversários. Em Marcos 2,6-10, temos a primeira discussão, logo após ter curado um paralítico (Mc 2,1-5). Outras discussões se sucedem (Mc 2, 15-17.18-22.23-27). Por fim, em Marcos 3,6 os Fariseus e Herodianos acabam por tramar a morte de Jesus.

Portanto, temos já no início do Evangelho, o triângulo formado pela relação entre Jesus, e os discípulos, multidão e adversários. Em Marcos 1,14-45 temos dois lados deste triângulo: os discípulos e a multidão. Em Marcos 2,1-3,6 temos os discípulos e adversários. Aqui a multidão aparece apenas em Marcos 2,13.

Depois da instituição dos Doze em Marcos 3,13-19, vamos encontrar a relação entre Jesus e os discípulos reforçada. Jesus revela a finalidade de chamar a si o grupo dos Doze. Suas ações descritas nos dois primeiros capítulos de Marcos, são agora as ações designadas para os discípulos: *pregar o Evangelho e ter autoridade a fim de expulsar os demônios*. A partir da instituição dos Doze, há uma evolução na relação entre Jesus e os discípulos.

Por outro lado, em relação aos adversários de Jesus, encontramos os seus parentes (Mc 3,20-21.31-33), dos quais Jesus se afasta porque querem tirá-lo de sua missão e os Escribas (Mc 3,22-30) que são acusados de blasfêmia contra o Espírito Santo. Em Marcos 3,34-35, Jesus ao olhar ao seu redor não está fazendo uma distinção explícita entre os discípulos e a multidão, pois esta diferença se dá na medida em que se faz ou não a vontade de Deus. Aliás, é justamente a partir do capítulo 4, quando Marcos narra as parábolas, que se faz esta distinção. Para a multidão, Jesus ensina em parábolas, já aos discípulos é dado o mistério do Reino de Deus (Mc 4,10-12). Esta distinção faz dos discípulos um grupo especial, que possui a chave para entender o mistério do Reino de Deus.

É importante salientar que embora haja uma distinção entre os discípulos e a multidão, isto não significa que haja uma oposição, como a que acontece com os adversários. A multidão é sempre favorável a Jesus, principalmente na Galiléia e como afirma Delorme (1982, p. 52), também a multidão de Jerusalém que acaba sendo envolvida pelas manobras dos chefes dos sacerdotes. Entretanto, há uma distinção entre a multidão e ao que Marcos chama “os de fora” e que fazem parte da multidão. Estes “de fora” são os que estão fora da fé, recusam-se a reconhecer em Jesus a presença operante do Reino de Deus. Também os discípulos são comparados por Jesus com estes de fora, na medida em que não conseguem captar o sentido de seus gestos e podem eles mesmos tornarem-se os que têm o coração endurecido, têm olhos e não vêem, ouvidos e não ouvem (Mc 8,17-18). A linha de demarcação entre aos que é dado a conhecer o mistério do Reino de Deus e aos de fora, passa no coração de todo homem e no interior de cada comunidade.

No desenrolar da relação entre Jesus e os discípulos, Marcos narra uma sequência de quatro milagres que novamente não estão dispostos dentro de uma lógica biográfica, histórica, mas sim catequética, isto é, de ensinamento para os discípulos (Mc 4,35-5,43). O poder de Jesus não está apenas em suas palavras, mas em suas ações. O Reino de Deus se manifesta em Jesus através deste seu poder sobre o mar, demônio, e até sobre a morte.

Em estreita ligação com Marcos 3,14-15, a constituição dos Doze, encontramos a missão dos mesmos (Mc 6,6b-13), o que ressalta novamente a relação entre Jesus e os discípulos. Durante a missão dos Doze, Marcos relata a morte de João Batista, como se nada teria a relatar sobre Jesus na ausência dos discípulos, acentuando desta forma a relação existente entre os mesmos. Quando os discípulos voltam da missão contam a Jesus tudo o que tinham feito e ensinado (Mc 6,30-31). Novamente Marcos volta a fazer a ligação entre Jesus, discípulos e a multidão, dando sequência da narrativa com a partilha dos pães (Mc 6,32-8,26). Aqui aparecem alguns paralelos pertencendo à tradição na qual Marcos baseou o seu Evangelho. A multidão ainda corre de maneira tumultuada e entusiasta ao redor de Jesus (Mc 6,31-34.53-56; 8,1). Em relação aos adversários está presente a ruptura (Mc 7,1-13; 8,11-13.15-16) e em relação aos discípulos a crise (Mc 6,52;7,18; 8,17-21).

A profissão de Pedro e os três anúncios da Paixão feitos por Jesus, seguidos por vários ensinamentos (Mc 8,27-10,45), marcam uma nova etapa no Evangelho e em particular nas relações entre Jesus, os discípulos, a multidão e os adversários. O triângulo formado entre os discípulos, multidão e adversários se enfraquece em torno de Jesus, com o acento dado sobre os discípulos. Não aparece mais o entusiasmo que vem da multidão. Poucos são os milagres: apenas a expulsão do espírito mudo e surdo (Mc 9,25-26) e a cura do cego Bartimeu (Mc 10,46-52)<sup>5</sup>. Com relação aos adversários, aparecem uma única vez (Mc 10,2-9).

A partir do capítulo 11, com Jesus em Jerusalém, Marcos não vai mais acentuar a presença dos discípulos, embora estejam a todo momento ao lado de Jesus, mas sim a tensão entre Jesus e os adversários, isto é, as autoridades em Jerusalém. Ao final do Evangelho de Marcos, aparece o isolamento completo de Jesus. Seus discípulos o abandonarão no momento de sua prisão. Por outro lado, após a morte de Jesus aparecem as mulheres discípulas que asseguram a ligação entre a morte de Jesus e a afirmação de sua ressurreição. Conforme escreve (Delorme, 1982, p. 128): “Em Marcos, a continuidade do drama é garantida pelas pessoas que assistem a Ele”. No início do livro, Jesus chama quatro pessoas a fim de estarem

5. A colocação da cura do cego Bartimeu ao final desta quinta parte do Evangelho de Marcos, corresponde simetricamente à história do cego de Betsaida (Mc 8,22-26), conforme comentam alguns autores (Cf. CNBB, 1996, p. 49-50; FABRIS, 1990, p. 111. Esta relação entre as duas curas de cegos está apontando para a cegueira dos discípulos que não conseguem compreender e ver a morte e ressurreição de Jesus que está a caminho de Jerusalém.

com Ele e ao longo do relato assim permanecem. Com o recuo destes, outros testemunhos aparecem, agora através das mulheres que testemunham a morte e a ressurreição (Mc 15,47–16,1).

Como pudemos observar, o Evangelho de Marcos vai sendo desenvolvido em torno da relação entre Jesus, a multidão, os adversários e principalmente os discípulos. A escolha dos Doze por parte de Jesus, faz com que partilhem de sua missão: Trazer a Boa Nova para o povo disperso e sem guia (Mc 6,34). Mediante o ensino e a preparação do banquete messiânico (Mc 6,34-35). Porém, devem partilhar também do destino de perseguição e dor que é próprio do Filho do Homem (Mc 10,35-40). A missão dos discípulos de Jesus não pode ser diferente da própria missão de Jesus, sendo Senhor, pastor e guia da comunidade dos fiéis (Mc 14,27-28).

Para fazer parte do grupo de Jesus, não basta uma decisão por si mesmo. O chamamento por parte de Jesus é essencial<sup>6</sup>. Marcos enfatiza o aspecto do chamado como condição para seguir Jesus: “Chamou a si os que ele quis” (Mc 3,13). O verdadeiro papel daquele que é chamado é seguir Jesus. Uma vez em companhia de Jesus, o discípulo começa a fazer parte do grupo de Jesus.

Segundo Schillebeeckx (1983, p. 206-207), no Novo Testamento o cumprimento da Lei já não basta para a salvação. Esta passa agora pela relação com Jesus. Porém, enquanto enviado escatológico, Jesus conhece só os mandamentos de Deus, não traz novos mandamentos. Por outro lado, a validade da conversão, requisito e implicação do Reino de Deus, vem unida à exigência de converter-se a Jesus. Antes da Páscoa, isto significava reconhecer a Jesus como o profeta escatológico de Deus que anuncia a boa notícia: “Deus é Rei” (Is 61,1-2; 52,7).

Isto permite distinguir de certo modo, o tom pré-pascal da vocação dos discípulos de Jesus e a cristologia explícita que a rodeia no Novo Testamento. Portanto, seguir o chamado de Jesus significa reconhecer sua missão profética e assim, crer em Deus, ter fé na vinda do reino e realizar a *metanóia* exigida, seguindo o chamado de Jesus. Nisto está implícita uma questão cristológica: converter-se a Deus pela autoridade da pregação de Jesus. Antes da Páscoa não se fala de conversão a Jesus; esta ideia supõe um cristologia explícita. Portanto Marcos 3,14-15 é historicamente, o mais próximo à realidade pré-pascal da vocação dos discípulos. Jesus os chama para que fossem seus companheiros e lhe ajudassem na pregação do Reino de Deus que se faz visível na cura das enfermidades e na expulsão de demônios. Os discípulos seguem a Jesus fazendo o que ele faz, com uma atitude vital que reflete a práxis do Reino de Deus, tal como a vive Jesus com a palavra, com a parábola e com a ação. Depois da Páscoa em consonância com as necessidades e concepção próprias das comunidades primitivas, esta práxis seria precisada constantemente segundo as diversas “regras das comunidades”,

6. Nos Evangelhos Sinóticos a relação entre chamado e seguimento aparece de modo acentuado: Marcos 1,17.18.20; 2,14; 6,1; 8,34; 10,28.32; Mateus 4,19.21;10,38; 16,24; Lucas 5,11.27.28; 9,23.57.59.61; 14,27; 18,28.

e segundo a teologia própria das comunidades ou dos evangelistas, conforme veremos mais adiante.

Os Doze, ao serem constituídos por Jesus, recebem uma missão: *ficar com Jesus, pregar e expulsar os demônios*. Ficam junto de Jesus para serem introduzidos no “mistério do Reino de Deus” (Mc 4,11). Ao mesmo tempo, recebem de Jesus a missão, caracterizando-os como Apóstolos, conforme acentuam algumas variantes: “aos quais os chamou de apóstolos”. Conforme atestam alguns autores<sup>7</sup>, estas variantes são provavelmente uma assimilação de Lucas 6,13. Embora não seja comum a designação de apóstolos no Evangelho de Marcos, sua inserção acentua e qualifica a função dos Doze. O fato de serem chamados de apóstolos, não se trata de uma exclusividade dos Doze, pois Barnabé e Paulo também foram Apóstolos, mas trata-se sim, de acentuar o aspecto missionário que os mesmos deverão desenvolver: são chamados a fim de pregar e a fim de expulsar os demônios. Estas duas tarefas são condições indispensáveis para ficar com Jesus.

A lista dos Doze chegou até nós sob quatro formas diferentes, a saber: Mateus 10,2-4; Marcos 3,16-19, Lucas 6,12-16 e Atos 1,13. Divide-se sempre em três grupos de quatro nomes, sendo o primeiro o mesmo em todas elas: Pedro, Filipe e Tiago, filho de Alfeu, mas a ordem pode variar no interior de cada grupo.

| <b>Grupos</b>                           | <b>Mateus 10,2-4</b>   | <b>Marcos 3,16-19</b>  | <b>Lucas 6,12-16</b>  | <b>Atos 1,13</b>   |
|---|--|--|---|--|
| Discípulos mais íntimos de Jesus        | Simão, Tiago, André e João                                       | Pedro, Tiago, João e André                                       | Pedro, André, Tiago, João   | Pedro, João, Tiago e André                                       |
| Discípulos com afinidade aos não-Judeus | Filipe, Bartolomeu, Tomé e Mateus                                | Filipe, Bartolomeu, Mateus e Tomé                                | Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé  | Filipe, Tomé, Bartolomeu e Mateus                                |
| Discípulos judaizantes                  | Tiago (filho de Alfeu), Tadeu, Simão (zelota) e Judas Iscariotes | Tiago (filho de Alfeu), Tadeu, Simão (zelota) e Judas Iscariotes | Tiago (filho de Alfeu), Simão (zelota), Judas (filho de Tiago) e Judas Iscariotes | Tiago (filho de Alfeu) e Simão (zelota) e Judas (filho de Tiago) |

Assim, no primeiro grupo, o dos discípulos mais ligados a Jesus, Mateus e Lucas colocam juntos os irmãos Pedro e André e os irmãos Tiago e João, enquanto em Marcos e Atos, André passa para o quarto lugar, para dar lugar aos dois filhos de Zebedeu, que juntamente com Pedro, se tornaram os três íntimos de Jesus. Ainda mais tarde, já em Atos e Lucas, Tiago, filho de Zebedeu, cederá o seu lugar ao seu irmão mais moço, João, que se tornou mais importante.

7. Cf. TAYLOR (1952 p. 230); LAGRANGE (1966 p. 64); GRANFIELD (1959 p. 127).

No segundo grupo que parece ter sido o dos que tinham afinidade especial com os não judeus, Mateus ocupa o último lugar nas listas de Mateus e de Atos; e só em Mateus é chamado “o publicano” (Mt 10,3).

Quanto ao terceiro grupo, o mais judaizante, Tadeu de Mateus e de Marcos, se é que é o mesmo que Judas (filho) de Tiago, de Lucas e de Atos, passa, nestes últimos, do segundo para o terceiro lugar. Simão, o Zelota de Lucas e Atos, não é senão a tradução grega do Aramaico, Simão Qan’ana de Mateus e Marcos. Judas Iscariotes, o traidor, figura sempre em último lugar<sup>8</sup>.

### Formar comunidade hoje

A expressão *comunidade*, embora apresente uma longa discussão em termos de sua definição, tem o seu significado aqui, primeiramente sob o aspecto eclesial. Esta prioridade está baseada no fato original, ou ponto de partida: “*Constituiu doze a fim de ficar com Ele*” (Mc 3,14). A constituição dos Doze tem sua razão de ser no Antigo Testamento, em referência às doze tribos de Israel, apontando, portanto para um sentido mais amplo que um simples grupo de doze pessoas. Esta primeira *comunidade* cristã, nascida no interior do judaísmo, tem viva consciência de pertencer a Israel e à sua história salvífica. Jesus ressuscitado é o Messias de Israel e a sua Igreja – edificada a partir dos Doze – é o povo do Messias, o verdadeiro Israel. São, portanto, simbolicamente o novo Israel, agora em consonância com Jesus e sua presença escatológica-messiânica do Reino de Deus. A designação dos Doze por *Comunidade* foi, portanto, dentro de um contexto eclesial, ou seja, os Doze caracterizando a Igreja nascente.

Com o objetivo de melhor caracterizar o tipo de *Comunidade eclesial* que se quer enfocar, será tomado como modelo, aquela que se tem denominado por Comunidade Eclesial de Base – CEB’s. O surgimento das CEB’s está ligado a dois fatores principais: Um, referente ao contexto sócio-cultural e eclesial brasileiro, favorecido pelas experiências pastorais das décadas de 50 e inícios de 60, o movimento popular em sua fermentação social e os apelos do próprio contexto histórico. O segundo fator, voltado para o contexto eclesial mais amplo, baseia-se principalmente no Concílio Vaticano II, bem como nos movimentos que o prepararam e nas Conferências Episcopais de Medellín e Puebla. De um lado, portanto, temos a Igreja em acelerado processo de renovação e de outro a efervescência popular no país, seguida do período sombrio do golpe militar de 1964.

Neste sentido, a *Comunidade* é aqui entendida em primeiro lugar como reunião de pessoas que comungam a mesma fé e que se unem por laços de solidariedade e de compromisso de vida, em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de luta, de anseios e esperanças libertadoras. Estas pessoas se reúnem,

8. Cf. Bíblia de Jerusalém, nota “x” a Mateus 10,2.

normalmente, em pequenos grupos, e de maneira geral pertencem a uma mesma vizinhança geográfica.

Nas DGAE (2019-2023: Documento 109)<sup>9</sup> vamos encontrar “comunidade eclesial missionária”. Não se trata de mudar uma nomenclatura, apenas, mas procurar uma resposta aos desafios presentes e urgentes dentro e fora da Igreja. A substituição de “Base” por “Missionária” poderia refletir um enfraquecimento da participação ativa da Igreja juntos às causas sociais e populares, mas talvez seja melhor percebida através do próprio enfoque que o Papa Francisco tem procurado dar à Igreja, dentro de uma visão, mais sinodal e em saída<sup>10</sup>.

### 3.2. *A comunicação: pregar a Boa Nova*

Marcos emprega no seu Evangelho, 14 vezes o verbo pregar, proclamar, anunciar. Esta insistência não se refere apenas enquanto ação de Jesus, mas principalmente enquanto ação dos discípulos. Por outro lado, observamos que com a exceção de Marcos 1,4 onde João Batista proclama o batismo de arrependimento, o objeto da pregação é sempre um Evangelho, Boa Nova, seja através do próprio Jesus ou de seus discípulos. Importante aqui, é perceber a dimensão e conteúdo desta pregação. Já apontamos anteriormente, que num sentido mais global é necessário entender esta pregação como uma *comunicação*, uma vez que se trata não apenas do conteúdo, mas também da forma como ela é feita, conforme veremos a seguir. Portanto, vejamos em que medida essa Boa Nova é comunicada e qual o conteúdo desta *comunicação*.

Existe uma evolução nesta pregação que deve ser observada. Jesus anuncia a Boa Nova da vinda do Reino de Deus, já os discípulos anunciam a Boa Nova de Jesus. Em outras palavras, de pregador, Jesus passa a objeto da pregação e o ato de proclamação torna-se texto. Em Marcos, Jesus não começou pregando-se a si mesmo. Nem se anunciou como Filho de Deus, Messias e Deus. São exatamente os adversários, os espíritos impuros que o confessam assim. Os títulos atribuídos a Jesus que aparecem nos Evangelhos são em sua maioria, expressões da fé da comunidade primitiva. Jesus situa-se dentro da mensagem de Isaías, conforme enfatiza Lucas 4,18, citando Isaías 61,1-2, fazendo-o desta forma a base de seu discurso-programa na sinagoga de Nazaré. Marcos, logo no início de seu Evangelho atesta que a Boa Nova para Jesus é o Reino de Deus (Mc 1,14). Embora tenha sido o centro de sua mensagem, Jesus não definiu o que era o Reino de Deus. Para os seus ouvintes parecia ter um significado bem diferente daquele que encontramos muitas vezes hoje: “outra vida, o céu, o pós-morte” (BOFF, 1979, p. 65).

A partir da pregação e da prática de Jesus, podemos perceber três dimensões fundamentais e complementares sobre o Reino de Deus:

9. CNBB (2019)

10.Cf. “<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595419-as-cebs-e-as-comunidades-missionarias>”. (Acesso 15/12/2020)

- *Dimensão profética*, caracterizada pelas relações de justiça, solidariedade, amor e ao mesmo tempo por uma relação de graça com Deus. Esta dimensão se firma sobretudo na pregação de Jesus. A dimensão profética coloca-se numa perspectiva de um mundo transformado. Não se trata, portanto, de uma realidade apenas espiritual, transcendente. Na pregação de Jesus está presente o caráter messiânico que toca as relações humanas, interpessoais e coletivas numa busca de paz e de felicidade para todos. Este messianismo presente em Jesus não está centrado em sua pessoa, mas no próprio Reino de Deus, isto é, num mundo diferente do atual. O horizonte da pregação de Jesus revela uma visão utópica da sociedade, um mundo convertido a Deus e por isso mesmo justo, em particular voltado aos pobres e excluídos.

- *Dimensão ética*, caracterizada pela prática de Jesus em perfeita consonância com a pregação do Reino de Deus. Uma vez inaugurado por Jesus, o discípulo deve viver agora segundo os valores desse Reino. Porém, a entrada no Reino comporta uma exigência ética fundamental: “Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,14-15). A conversão pregada por Jesus visa uma mudança radical, não só da vida, mas também de mentalidade. É uma conversão que se coloca no caminho contrário aos valores correntes da sociedade, para assumir os novos valores do Reino. A riqueza, poder, prestígio, devem ser substituídos pela partilha, compreensão, solidariedade. A própria prática de Jesus revela quais são estes valores do Reino. Diante da situação de miséria em todos os níveis (material, moral, religioso) em que se encontra a multidão com a qual Jesus se defronta, faz com que seja tomado por um profundo sentimento de compaixão. Os milagres assim como a conversão dos pecadores devem ser analisados nesta perspectiva, como frutos da compaixão de Jesus e ao mesmo tempo como sinais da presença do Reino. Esta compaixão de Jesus leva a uma solidariedade com os marginalizados. Há um posicionamento muito claro de Jesus frente aos grupos presentes na sociedade de sua época. Pecadores, publicanos, pobres, aleijados, leprosos são objeto de uma apreciação positiva de sua parte, ao passo que os ricos, Escribas, Fariseus, Sacerdotes, Saduceus, são objeto de críticas e até mesmo de maldição. Por outro lado, Jesus procedia de modo diferente quando havia a conversão das pessoas, mesmo pertencendo a estes grupos, como foi o caso de Zaqueu, José de Arimateia e Nicodemos entre outros.

- *Dimensão eterna*, caracterizada pela pregação e pelo destino de Jesus, testemunhado pela comunidade primitiva, através do anúncio da ressurreição. A dimensão profética e ética revelam o Reino numa perspectiva histórica, através de uma sociedade justa e fraterna. Porém, existe também uma dimensão transcendente, para além da história e da morte. Em outras palavras, o Reino de Deus não aponta apenas para um mundo diferente, transformado, um mundo outro, mas aponta também para um outro mundo. Com exceção dos Saduceus, todos os grupos religiosos em Israel admitiam que a morte não era a última palavra sobre o homem e que havia uma vida eterna, que seria para os justos, depois da morte, uma vida de felicidade junto de Deus. Esta vida eterna era um pressuposto na pregação de Jesus, pois

se a morte fosse a última palavra sobre o homem, então a sua história e sua vida caminhariam para o nada e assim, uma derrota estrondosa. Porém, a ressurreição de Jesus afirma esta vida eterna e traz a grande esperança para todos nós.

Quando falamos de Evangelho, Boa Nova, não estamos fazendo uma referência ao fato de se realizar um comunicado em si, mas sim enfatizar o conteúdo deste comunicado, qualificando-o de bom. Desta maneira, Evangelho situa-se no plano da interpretação, ou seja, dizer que uma notícia é boa ou má, implica um julgamento e, portanto, uma interpretação. Como consequência, implica também em um compromisso diante desta notícia. Assim, ao dizermos que o Evangelho é a Boa Nova, estamos nos comprometendo de certa forma com esta mensagem.

A partir deste compromisso, os discípulos passam a anunciar o Evangelho de Jesus. É a segunda fase presente na pregação da Boa Nova. Aqui o anunciador torna-se anunciado. O centro da pregação é Jesus Ressuscitado. Este é o Evangelho, a Boa Nova que muda o curso da História, que transforma o sentido e os horizontes de cada existência humana. A pregação dos discípulos pode ser dividida nos seguintes pontos: a) Deus interveio de maneira decisiva: Este primeiro ponto, revela o Evangelho de Deus, uma vez que a atenção estava por primeiro voltada para a ressurreição de Jesus realizada por Deus. À luz da ressurreição, a identidade de Jesus, o sentido de sua morte e de sua condição nova, aos pouco vai se esclarecendo; b) Esta intervenção se dá através de Jesus Cristo: Neste segundo ponto, volta-se não somente para o que Deus fez para Jesus, mas o que ele fez por nós através de Jesus. É o momento do Evangelho de Cristo. Para Paulo o conteúdo deste Evangelho está no mistério pascal, morte e ressurreição de Jesus; c) Se enfatizarmos sobretudo os destinatários e o impacto da intervenção de Deus, estaremos diante do terceiro ponto, o Evangelho da Paz (Ef 2,17), ou ainda, o Evangelho de nossa salvação (Ef 1,13). A ressurreição de Jesus por meio de Deus passa a clarear para os discípulos o sentido da missão, não só de Jesus, mas a sua também. Eles a reconhecem na intervenção de Deus em Jesus, a intervenção em nosso favor.

### Comunicar a Boa Nova hoje

A *comunicação* em toda Comunidade Eclesial, está voltada em primeiro lugar à Evangelização<sup>11</sup>, entendida como palavra e ação encarnadas na his-

11. Para Libânio (1975, p. 13), o termo evangelização sofreu no decurso da história, um contínuo processo de extensão de significado, refletindo a situação concreta com que a Igreja se defrontava na sua obra evangelizadora. Para o autor, quatro sentidos são importantes a destacar dentro deste processo: a) anúncio da realidade da salvação, realizada em Jesus Cristo, a quem nunca a ouviu; b) anúncio em palavra, da salvação realizada em Jesus Cristo, seja àqueles que nunca o ouviram, seja àqueles que já o ouviram; c) anúncio da realidade salvífica em Jesus Cristo, feito em palavras e gestos sacramentais; d) anúncio em palavras e gestos sacramentais e não-sacramentais, da realidade salvífica de Jesus Cristo, a fim de realizar a libertação de todos os homens e do homem todo.

tória, onde a graça de Cristo e libertação humana entrelaçam-se de forma concreta. Os documentos eclesiais colocam de modo muito claro a perfeita ligação entre comunicação e evangelização. A *comunicação* deve ser levada em conta sob todos os aspectos da transmissão da Boa Nova

As DGAE (1987 a 1990) indicam que “a evangelização constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” CNBB (1987, p.11). O anúncio da plena libertação para os homens e mulheres é a tarefa evangelizadora da Igreja. Para os conferencistas reunidos em Puebla, esta libertação integral contém dois elementos complementares e inseparáveis. De um lado, trata-se da “libertação de todas as servidões do pecado pessoal e social, de tudo o que transvia o homem e a sociedade e tem sua fonte no egoísmo, no mistério da iniquidade”. De outro, trata-se da “libertação para o crescimento progressivo da pessoa, pela comunhão com Deus e com os homens, que culmina na perfeita comunhão do céu, onde Deus é tudo em todos e não haverá mais lágrimas”. Esta libertação se realiza na história dos povos do continente e de cada indivíduo no plano pessoal. Engloba as diversas dimensões da existência: o social, o político, o econômico, o cultural e o conjunto das relações humanas. “Em tudo isto há de circular a riqueza transformadora do Evangelho” CELAM (1979, p. 159).

### 3.3. *A ação: constituídos de autoridade a fim de expulsar os demônios.*

Na narrativa de Marcos 3,14-15 em estudo, o terceiro elemento importante é com relação à autoridade que Jesus dá aos discípulos a fim de expulsarem os demônios. Existem aqui, dois pontos a serem observados: Primeiro com relação à autoridade de Jesus, segundo com relação à expulsão dos demônios. Esta autoridade e esta missão de expulsar demônios, foi entendida acima, de uma maneira global, como a *Ação*. É necessário agora buscar o sentido desta *Ação*. O que estaria caracterizando esta autoridade e este ato de expulsar os demônios?

A autoridade de Jesus aparece tanto na sua prática quanto nos seus ensinamentos. Entretanto, é necessário observar alguns termos que muito facilmente podem ser confundidos, por razões de interpretação ou mesmo por tradução. Por um lado, há uma íntima relação existente entre os termos liberdade (em um sentido moral) e autoridade, pois trata-se da mesma palavra grega para expressar os dois. Por outro lado, é preciso estabelecer o limite existente entre autoridade e poder para definir a diferença entre os mesmos.

Nos Evangelhos, a liberdade em relação a Jesus aparece como liberdade de opção e de ação. No primeiro caso, isto é, liberdade de opção, encontramos como principal elemento o seu batismo. Dentro da cultura judaica, a imersão na água era símbolo de morte. Assim, o batismo de João Batista simbolizava a morte a um passado, o da própria injustiça, entendido como pecado. Para Jesus, o seu batismo se torna símbolo de morte no futuro, isto é, da aceitação até a morte se fosse

necessário, ou inevitável, em sua missão de oferecer a salvação à humanidade. Esta determinação de Jesus em levar até às últimas consequências sua liberdade de opção pela humanidade, faz com que exerça sua liberdade de ação. Onde quer que Jesus tenha se deparado com homens e mulheres em situação de falta de vida, seja por qualquer motivo que fosse, aí manifestou o seu amor. Esta liberdade de ação em decorrência de sua liberdade de opção, fez Jesus chocar-se contra os preconceitos, o “status quo” e colocar-se em oposição aberta às autoridades religiosas e civis de seu tempo. Esta liberdade acabou por levá-lo à morte.

O poder, em todas as religiões, é sempre compreendido como um atributo essencial da divindade. No próprio credo cristão, “Creio em Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra”, o poder de Deus se manifesta sob três aspectos: no universalismo de Deus (Deus criador de tudo e de todos), no aspecto amoroso da sua manifestação (atributo de pai) e na presença misteriosa, pois esta manifestação de Deus não se esgota, tornando-se sempre nova, principalmente por ser manifestação salvadora de Deus. O poder, portanto, é próprio de Deus. Em Jesus, o poder se apresenta como forma de manifestar a glória de Deus e o cumprimento de sua vontade.

Diferentemente do poder, que é próprio de Deus, a autoridade divina ou humana, tanto na cultura grega quanto na judaica, era entendida como a capacidade ou faculdade de agir livre e eficazmente sobre pessoas, instituições ou objetos, ou o direito de fazer algo ou dispor livremente de algo; tratava-se de um poder soberano que se transmitia por delegação jurídica, independentemente da qualidade da pessoa que o possuísse. A autoridade, portanto, é vista como procedente de Deus para que os homens possam utilizá-la em benefício dos outros. Existe assim, uma condição ética e moral para o exercício da autoridade.

A autoridade de Jesus não se confunde nem com a liberdade, nem com o poder. Trata-se de uma autoridade que é exercida em benefício à vida. Esta autoridade é profundamente questionadora. Em Marcos 11,27-33 aparecem os três grupos de dirigentes judeus, que constituem o Sinédrio ou Grande Conselho, órgão supremo religioso-político do povo judeu: os Sumos Sacerdotes, os Escribas e os Anciãos. Eles são os detentores da autoridade jurídica, segundo o direito baseado na lei mosaica ou na legislação posterior e, portanto, sentem-se ameaçados pela autoridade de Jesus: “Com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te concedeu esta autoridade para fazê-las” (Mc 11,28)?

O fato da origem da autoridade de Jesus não se basear no direito humano ou nas instituições, mas sim em Deus, não se trata de uma delegação e, portanto, se difere também da autoridade de João, que como profeta recebe o encargo de comunicar uma mensagem divina. A origem de sua autoridade está na plenitude do Espírito, a força divina que reside nele (Mc 1,10). Ou seja, é uma autoridade que decorre da qualidade de seu ser. Mateos (1994, p. 90-91), fazendo uma comparação entre a autoridade de Jesus apresentada em Marcos e a autoridade no

Antigo Testamento apresentada em Daniel, mostra que em Jesus esta autoridade se coloca a serviço da vida, enquanto que no Antigo Testamento aparece como dominação. É interessante observar que esta autoridade em Daniel aparece junto à figura do Filho do Homem, que em Marcos é citado por 14 vezes em todo o seu Evangelho, sendo esta inclusive a apresentação que Jesus faz de si<sup>12</sup>. Os dois textos propostos para análise são: Marcos 2,1-13 (a cura do paralítico) onde a autoridade do Filho do Homem é dupla: perdoar os pecados (Mc 2,5.10) e comunicar a vida (Mc 2,10-12). O segundo texto proposto para comparação é Daniel 7,1-28 (visão dos quatro animais), onde em Daniel 7,13-14 aparece a autoridade dada ao Filho do Homem para que reine e domine eternamente sobre toda nação. Em Daniel 7,27 o Império do Filho do Homem é entregue ao “povo dos santos do Altíssimo”, num sentido coletivo, portanto. Em Marcos 2,10 o sentido aparece na figura de uma pessoa, Jesus. Porém, se tomarmos o texto paralelo em Mateus 9,1-8, encontramos esta significação coletiva também em relação a Jesus: “Vendo o ocorrido, a multidão ficou com medo e glorificou a Deus, que deu tal poder aos homens” (Mt 9,8). Este sentido coletivo da missão do Filho do Homem é a missão de todo o povo de Deus. Ela consiste em realizar o Reino de Deus como um reino humano que promove a vida. Jesus, ao se apresentar aos discípulos como o Filho do Homem, está justamente assumindo a missão do povo de Deus, dos “Santos do altíssimo”. Embora possamos perceber a mesma dimensão coletiva na figura do Filho do Homem, tanto em Daniel quanto em Jesus existe, no entanto, uma diferença fundamental em relação à autoridade, que Mateos (1994. p. 91) acentua: “em Daniel para dominar os gentios; em Marcos, para apagar seu passado e dar-lhes vida: não para o domínio, mas para o serviço do homem”.

Mas, e a *ação de expulsar os demônios*? No Evangelho de Marcos, encontramos outras expressões relativas ao demônio e endemoninhado (aquele(a) que encontra-se dominado pelo demônio): satanás, espírito impuro. Também encontramos ainda dois nomes próprios: Belzebu e Legião. Todas estas expressões estão presentes nos evangelhos de Mateus e Lucas, onde aparecem outras expressões que estão ausentes em Marcos: diabo e maligno.

Da comparação dos textos onde ocorrem os relatos de expulsão de demônios, percebemos que nem todas as perícopes são comuns aos três evangelhos, havendo casos em que há paralelos entre Marcos e Mateus ou Marcos e Lucas, com exceção apenas de Marcos 1,39; 3,30. A razão desta diferença pode ser buscada através do processo redacional de cada Evangelho e em especial dentro da questão sinótica, sobre a qual existe uma farta literatura. Por outro lado, notamos também que existe certa diferença das expressões utilizadas nestas perícopes que

12. Cf. Marcos 2,10.28; 8,38; 9,9; 13,26; 14.21.41.62. Em Marcos 8,31; 9,12.31; 10,33-34.45; 14,21, fica explícito o destino de sofrimento e morte do Filho do Homem. Este sentido possui como pano de fundo a figura do servo sofredor de Isaías 53. A questão em torno da figura do Filho do Homem em Marcos, coloca-se par a par com a questão do segredo messiânico.

são paralelas. É interessante notar que apenas as expressões demônio e espírito impuro encontram-se sempre dentro de um contexto de exorcismo. Quando os relatos mencionam satanás, referem-se a um contexto de tentação. Esta diferenciação existe devido ao próprio significado de cada um.

Satanás é uma tradução grega do hebraico, verbo que significa incomodar. Como substantivo, indica tudo que contraria alguma coisa. Sua tradução para o português geralmente aparece como adversário, entendido tanto de modo geral quanto na função jurídica de promotor público no tribunal, com seu papel de acusar e de contradizer o réu, tentando comprovar sua culpabilidade. Neste sentido, satanás é tudo aquilo que procura incomodar e contrariar uma determinada realidade ou disposição. Pode ser uma pessoa adversária ou inimiga, ou então uma instituição, ou ainda um costume contrário. Ao anunciar o Reino de Deus, Jesus encontrou muitos adversários que eram contrários a esse projeto de libertação. Marcos caracteriza como satanás, todos estes adversários que Jesus teve de enfrentar.

Neste mesmo sentido podemos entender a expressão diabo, não presente em Marcos, mas sim nos outros evangelhos sinóticos e em João. Trata-se de uma palavra grega com um sentido de jogar um obstáculo entre duas coisas para provocar a sua divisão. Sendo assim o diabo provoca a divisão, seja dentro da pessoa ou entre as pessoas. Diabólico é tudo o que provoca divisão ou dúvida.

O verbo utilizado sempre no sentido da ação de tentar do diabo e satanás, como por exemplo em Marcos 1,13; Mateus 4,1; Lucas 4,2, também é utilizado como tentativa de preparar uma armadilha, ou por alguém à prova: Marcos 8,11; Mateus 16,1; Lucas 11,16, ou mesmo no sentido de tentação Marcos 14,38; Mateus 6,13; 26,41; Lucas 4,13; 11,4; 22,28.40.46. Na perícopre relativa ao imposto a César (Mc 12,13-17), é interessante observar, conforme coloca Myers (1992. p. 371), que Marcos emprega a expressão “para enredá-lo (pegá-lo, apanhá-lo) pela palavra” (Mc 12,13), utilizando esta forma verbal que aparece apenas aqui no Novo Testamento, mas na tradução dos LXX e mesmo no grego secular significa sempre apanhar com armadilha ou pescando. Jesus reconhece isto como prova, tentação e Marcos utiliza neste sentido: “Por que me pones à prova?” (experimentais?, tentais?) (Mc 12,15). Sendo assim, o mesmo verbo utilizado por Marcos para designar a ação do satanás, é empregado como a ação de tentar Jesus, por parte dos fariseus e herodianos, conforme a perícopre.

Em relação à significação de demônio(s), ou também espírito impuro, conforme aparece em Marcos e também em Mateus e Lucas, a palavra também vem do grego significando nas crenças populares, os seres geralmente imaginados como espíritos dos falecidos, que dispunham de forças sobrenaturais, intervindo de modo extraordinário na natureza e na vida dos homens, e contra os quais o homem tinha que se defender e proteger-se por meio da magia. Tornam-se desta forma, seres intermediários entre a divindade e os homens.

No Novo Testamento, os demônios aparecem como subordinados a satanás ou ao diabo, o grande adversário de Deus (Mt 25,41) e muitas vezes sob a expressão tipicamente judaica de “espíritos imundos”. A demonologia do Novo Testamento, se distingue do mundo judaico contemporâneo de Jesus, de um lado por uma grande sobriedade, embora tanto a linguagem quanto as concepções presentes nos Evangelhos sejam bastante homogêneas ao ambiente cultural. De outro lado, por revelar o sentido moral da luta dos demônios contra Deus e seu Reino, e pela fé em Cristo que liberta o homem do medo contínuo dos demônios, tão característico das crenças populares daquele tempo. Existem narrações de expulsão de demônios também no ambiente judaico e helênico, porém nestes casos os relatos evangélicos se diferem no fato de que apenas a palavra de Jesus se torna eficaz para libertar o homem do poder demoníaco e reintegrá-lo na sua dignidade humana, sem a necessidade de magias ou rituais.

Dada as observações feitas acima, bem como o elenco de citações e referências feitas nos Evangelhos Sinóticos em relação ao diabo, satanás, demônio etc, não se pode colocar em dúvida a sua existência. Conforme observa Bornkamm (1981 p. 49), dos 17 milagres narrados por Marcos, 13 são de expulsão de demônios<sup>13</sup>, sem contar os sumários: Marcos 1,32-34.39; 3,7-12, onde se caracteriza a atividade de Jesus pelo ensinamento e expulsão dos demônios. Estas mesmas atividades são apresentadas em Marcos 3,15, texto em estudo nesta dissertação e Marcos 6,7.13 como missão dos Doze.

Se por um lado a questão da existência parece ser pacífica entre vários autores, sua interpretação esbarra em diferentes posições. Não se quer neste trabalho, tratar exaustivamente desta questão, mas tão somente colocar-nos diante do problema para que se possa buscar uma direção e sentido que estejam contidos em Marcos 3,15.

Para Fabris (1990, p. 478-479), existe uma diferença entre a ação do demônio, da qual o homem é vítima, da ação de satanás, da qual o homem é cúmplice. Entretanto, de ambas ações dependem todo o mal. No primeiro caso, demônio ou o espírito impuro é o verdadeiro agente do mal que oprime o homem, tornando-o desta forma, vítima da possessão demoníaca. Já no segundo caso, existe um incitamento de satanás ao mal que é compactuado pelo próprio homem.

Para Delorme (1982, p. 42-43), os demônios fazem parte das forças de oposição à santidade divina. Neste sentido pode-se entender a ação exorcista de Jesus. O confronto entre os demônios e Jesus se dá como numa guerra, gerando desordem, pânico, medo. Trata-se, nesta concepção, de uma guerra entre o mal e santidade divina, presente em Jesus.

Para alguns autores, a expulsão de demônios apresenta uma característica ligada ao messianismo de Jesus que é transmitida aos seus seguidores, conforme

13. Marcos 1,26.34.39; 3,11-12.22.30; 5,1-20; 6,7.13; 7,25-29; 9,25-27.38; 16,17.

visto acima. Myers (1992 p. 184) acentua por outro lado, que além deste caráter messiânico, a expulsão de demônios em Marcos tem um caráter político como ação simbólica. A expulsão de demônios torna-se no seu entender, o principal veículo para articular o mito do combate apocalíptico entre os poderes terrenos e Jesus, como enviado do Reino. Nas narrativas de expulsão, os demônios lutam para designar Jesus pelo nome e desta forma exercer o controle sobre ele, uma vez que sabem perfeitamente quem ele é e que ameaça traz para os seus planos. A discussão sobre o nome do demônio e o nome do exorcista é um elemento importante, conforme afirma Delorme (1982, p. 27), pois faz parte do controle e domínio da situação. Em Marcos 3,22-30, a discussão entre Jesus e as autoridades escribas sobre Belzebu assume o ponto alto pelo ataque que os escribas fazem a Jesus, identificando-o como satanás. Por outro lado, em Marcos 5,9 Jesus consegue extrair de um demônio o seu nome.

Procurando buscar uma explicação para os males presentes na vida, demônio, satanás ou outras denominações, serviam como resposta para estas indagações. Assim, o poder do mal caracterizado por estas entidades podiam desviar as pessoas do bom caminho (Mc 1,12;8,33), designar o mal presente no Império Romano (Mc 5,9; Ap 12,9), ou mesmo em doenças (Mc 9,17.25).

Segundo Haag (1978, p. 320), os relatos de expulsão de demônios devem ser entendidos não num contexto de luta entre Jesus e os mesmos, mas sim como um drama onde está presente a incompreensão de sua mensagem (Mc 1,21-28). Portanto o que ressalta em primeiro lugar nas cenas de expulsão de demônios é a resistência à palavra de Jesus. Isto é de certo modo evidente, se considerarmos a pregação do Reino de Deus como parte integrante da missão de Jesus. Este Reino é antagônico em relação ao reino de satanás e, portanto, uma ameaça ao seu domínio no mundo. Quando o Evangelho afirma que Jesus venceu o reino de satanás, demonstra que o diálogo construtivo e libertador com Deus na história é uma realidade em ato. Toda desconfiança ou fatalismo que leve a rejeitar esta realidade é secreta convivência com o reino de satanás, é adesão pessoal a satanás. Um segundo elemento a ressaltar nestes relatos, é que não há nada que possa ser mais forte ou superior que a vontade de Deus. Isto serve como um grande ânimo e encorajamento para os fiéis.

A partir destas diferentes visões apresentadas pelos autores acima, podemos perceber algumas características em comum: a) Em primeiro lugar, a existência de uma relação direta entre demônio, satanás e a questão do mal. Seja qual for a colocação feita, a presença destas entidades significa sempre a presença do mal na vida das pessoas. A Sagrada Escritura tematiza esta presença do mal como algo exterior ao homem e oposta a Deus, seja na voz sedutora (Gn 3,5), no acusador do homem (Jó 1,11; 2,5-7) que por inveja o fez cair na morte (Sb 2,24). b) Um segundo ponto é com relação a Jesus e sua ação de expulsar demônios. Embora haja discordância de sua atuação como em um campo de batalha ou como trama, seu envolvimento é sempre na intenção de superar o mal presente no mundo.

c) Ainda um terceiro elemento comum é com relação ao significado deste mal, que não é específico, podendo ser tanto ao nível pessoal, quanto ao nível mais geral. Portanto, a ação de Jesus em expulsar os demônios situa-se no advento do Reino de Deus (1,14-15), como sinal de liberdade e de vida. Nesta perspectiva, torna-se um discernimento da missão de Jesus como fonte de doação do Espírito Santo. Na medida em que a presença do Reino se torna manifesta através da prática e pregação de Jesus, o mal vai sendo ameaçado e em procura resistir. Neste sentido, Jesus reúne os Doze e lhes dá a autoridade, como um poder à serviço da vida, de expulsar esta presença do mal que impede a realização da Boa Nova.

### Ação contra o mal hoje

As Comunidades Eclesiais vêm desenvolvendo muitas ações em prol da vida, sempre voltadas para a realidade e necessidades do povo, tendo como ponto de partida o próprio evangelho: “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10). São diversas as pastorais dentro da Igreja que se colocam nesta ação de trazer vida e dignidade ao povo, lutando contra o mal e muitas formas de morte que nos rondam em diversas situações. Às vezes realizadas por voluntários, ou mesmo por grupos organizados de determinadas pastorais, dependendo da origem, necessidade ou mesmo forma como é organizada, pode não raramente tornar-se uma pastoral. Este é o caso da Pastoral da Criança.

Seu início se deu através de uma decisão da CNBB em 1983, quando iniciou por meio de uma experiência de engajamento organizado da Igreja, na luta pela sobrevivência infantil, para que mais tarde fosse avaliada e proposta uma experiência maior a nível nacional, às dioceses que quisessem participar. Em seis anos de existência, já havia 60.506 pessoas engajadas nesta luta pela vida, sendo que 95% eram mulheres, consideradas como “pastoras, santas dos dias de hoje”<sup>14</sup>. Trabalhando voluntariamente, dia e noite, imbuídas de coragem evangélica, estas mulheres após treinamento básico para lideranças, organizam nas comunidades rurais e periferias urbanas, pequenos grupos de dez a vinte famílias. Sendo pertencentes do mesmo ambiente e realidade onde a Pastoral da Criança é implementada, o conhecimento e as reflexões sobre a própria situação, tornam-se mais concretas e reais, trazendo a discussão sobre as causas das mortes infantis, das doenças, da desnutrição, a partir de suas experiências de vida.

O trabalho da Pastoral da Criança consiste basicamente em quatro etapas CNBB Guia do Líder (1991, p.15).

- a) Cuidar da gestante para que ela se sinta bem e a criança se forme com saúde;

14. A primeira experiência aconteceu em Florestópolis-PR, onde 70% de sua população era composta de boias-frias. Cf. CNBB (1991 p 7).

- b) Estimular o aleitamento materno;
- c) Passar a acompanhar o desenvolvimento das crianças;
- d) Incentivar as mães para que vacinem seus filhos e deem o soro oral.

O alcance obtido com esta ação é surpreendente, principalmente pelo fato de contar com a participação comunitária. Entre os beneficiados pela Pastoral da criança, é estimulada a organização de clube de mães e de gestantes, visando prepará-las para a maternidade. Quando há interesse da comunidade, são iniciados vários projetos comunitários<sup>15</sup>.

Com esta *ação* concreta, através de um simples trabalho, a comunidade eclesial procura por um lado, eliminar um dos maiores problemas presente junto à população de baixa renda nas regiões rurais e periferias urbanas que é a mortalidade infantil. Por outro, vem estimulando o conhecimento de noções básicas de saúde, higiene, tratamento de algumas enfermidades através de medicamentos caseiros, suplementos alimentares alternativos e a percepção da necessidade e importância do trabalho comunitário.

Ainda como forma de combate ao mal presente na sociedade, podemos destacar a ação das comunidades eclesiais junto aos moradores de rua. Este trabalho ainda não está presente em todas as comunidades, mas vai se tornando algo inevitável, visto a situação de pobreza e miséria em que se encontram milhares de famílias por todo o país. Aqui é importante ressaltar o trabalho que o Padre Julio Lancellotti realiza na cidade de São Paulo, inicialmente com menores (pastoral do menor, pastoral da criança, formulação do estatuto da criança e do adolescente, menores infratores) e mais tarde se dedicando aos pacientes com HIV/Aids e moradores de rua. Fundou as casas Vida I e II para dar apoio a este trabalho<sup>16</sup>.

### **Concluindo...**

Tarefa difícil, transformar 140 páginas de uma dissertação em um artigo! São informações, bibliografias, reflexões que são deixadas de lado para que se possa, dentro do limite necessário, transmitir o essencial do trabalho.

Embora a dissertação tenha sido um trabalho acadêmico, dentro da teologia bíblica e, portanto, levando em consideração uma metodologia própria de análise e interpretação de texto, creio que foi possível, neste artigo, apresentar uma síntese e importância de seu conteúdo, sem precisar entrar em caminhos mais

15. Estes projetos variam conforme a realidade e necessidade da própria região podendo ser por exemplo: hortas comunitárias, criação de galinhas, curso de corte e costura, tricô, cozinha, cooperativa para produção ou venda de alimento e outros.

16. Cf “<https://www.unifesp.br/reitoria/dci/publicacoes/entreteses/item/2577-estou-do-lado-que-jesus-queria-que-eu-estivesse>” (acesso 05/12/2020)

técnicos e acadêmicos, o que tornaria o artigo longo e menos interessante, dentro da proposta da própria revista *Estudos Bíblicos*.

Como foi dito na introdução, intuito deste trabalho foi buscar o alcance e o significado dos três elementos característicos da prática e pregação de Jesus, segundo Marcos 3,14-15, e apontando na direção da vida eclesial e de movimentos sociais. Estas duas direções encontram-se em realidades muito semelhantes.

Hoje, com as condições sociais, econômicas e políticas, que desenvolvem uma crescente exclusão dos pobres, colocando desta forma milhares de seres humanos em condições indignas de vida, existe uma urgente necessidade de aproximação entre as pessoas. Esta característica torna-se mais clara, na medida em que as dificuldades comuns a serem enfrentadas pelas pessoas se agravam, percebendo-se que não será pelo isolamento, separação, buscas individuais de soluções, que se conseguirá enfrentar os problemas.

Por outro lado, não basta reunir-se. Um mínimo de organização, objetivo comum é necessário para que se possa chegar ao menos a um consenso e clareza sobre os problemas a serem enfrentados. Portanto, a luta em diferentes escalas ou níveis, para superar os problemas do dia a dia, como melhores condições de habitação, transporte, emprego, salário ou mais amplas como reforma agrária, direitos humanos, causas ecológicas e outras, requerem ações previamente estudadas, planejadas, de acordo com o momento e realidade a serem enfrentadas.

O caminho que percorremos neste artigo, nos trouxe algumas pistas que ajudam a perceber melhor o alcance que o Segundo Evangelho e em especial Marcos 3,14-15 nos coloca. Marcos faz um relato da vida de Jesus, dentro da perspectiva de sua *comunidade*. Em outras palavras, seu ponto de partida são os problemas a serem enfrentados pelos discípulos e discípulas de Jesus nos meados do primeiro século da era cristã. A necessidade do fortalecimento da *comunidade*, a missão evangelizadora e a luta pela vida, contra os efeitos devastadores da política imperialista romana, se faz notar nas entrelinhas de seu Evangelho. Neste sentido, podemos perceber o alcance de Marcos 3,14-15 para sua *comunidade*, a partir da prática e pregação de Jesus, testemunhada e vivida pelos primeiros discípulos, de modo sintético, como a pregação da Boa Nova e expulsão dos demônios. Este alcance porém, não se dá apenas para a comunidade de Marcos. Assim, Marcos 3,14-15 relido em nosso contexto, coloca-se de modo adequado como testemunho dos primeiros cristãos às comunidades eclesiais ou não, diante de tantos problemas e dificuldades conforme colocados anteriormente.

O chamado dos Doze por Jesus, dando-lhes a missão de pregar a Boa Nova e expulsar os demônios, conforme a narrativa de Marcos 3,14-15, é extremamente pertinente se relido à luz das atuais necessidades de participação, organização e luta desenvolvidas por grupos, entidades e movimentos integrados às causas humanitárias de igualdade, justiça, fraternidade, ecologia, como o próprio Evangelho de Marcos, o qual é apresentado como a Boa Nova do Reino de Deus.

## Bibliografia

SCHLAEPFER, Carlos Frederico. *Comunidade, Comunicação e Ação em Marcos 3,14-15*. 1997. Dissertação (Mestrado em Teologia Bíblica) – Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

\_\_\_\_\_. Estar dentro ou fora da família de Jesus: Uma opção radical. *Estudos Bíblicos*, n. 85, Petrópolis: Vozes, p. 63-79, 2005.

RIGAUX, Beda. O radicalismo do reino. IN: DUPONT, J. *A pobreza evangélica*. São Paulo: Paulinas, 1976, p. 133-169.

KONINGS, Johan. *Encontro com o Quarto Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 1975.

DELORME, J. *Leitura do Evangelho segundo Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1982.

CNBB. *Caminhamos na estrada de Jesus: O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1996.

SCHILLEBEECKX, Eduard. *Jesus – La historia de un viviente*. Madrid: Cristiandad, 1983.

FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Marcos. In: *Os Evangelhos*. Vol 1, 1990, p. 421-621.

TAYLOR, V. *The Gospel according to St. Mark*. London: Macmillan, 1952.

LAGRANGE, M.J. *Évangile selon Saint Marc*. Paris: Gabalda, 1966.

GRANFIELD, C.E.B. (org). *The Gospel according to Saint Mark*. London: Cambridge University, 1959.

CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil: 2019-2023. Documentos da CNBB 109. Brasília: CNBB, 2019.

BOFF, L. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LIBÂNIO, J.B. *Evangelização e Libertação*. Coleção Vida Religiosa: Temas Atuais/3. Petrópolis: Vozes, 1975.

CELAM. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979.

CNBB. XXV Assembleia Geral: Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil: 1987-1990. São Paulo: Paulinas, 1987.

MATEOS, J. *A Utopia de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1994.

MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

BORNKAMM, G. *Bíblia Novo Testamento. Introdução aos seus escritos no quadro da história do cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 1981.

HAAG, H. *El Diablo: su existencia como problema*. Barcelona: Herder, 1978.

CNBB. *Pastoral da Criança*. Brasília, 1991 (Publicação).

CNBB. *Guia do líder Comunitário*. Brasília, 1991 (Publicação).

*Carlos Frederico Schlaepfer*  
Rua General Dionísio, 585, ap. 701  
25075-095 Vinte e cinco de agosto, Duque de Caxias, RJ  
Endereço eletrônico: carlos.schlaepfer@gmail.com